



A LEPROSA MORA NO MORRO: O “REFÚGIO” DE LEPROSOS EM ANÁPOLIS, GOIÁS, BRASIL (1930 – 1970)

Profa. Dra. Giovana Galvão Tavares*

Profa. Dra. Josana de Castro Peixoto**

Profa. Dra. Dulcinea Maria Barbosa Campos***

Profa. Dra. Janes Socorro da Luz****

Rogério Seabra Monteiro*****

**Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente, Faculdade de Medicina e Faculdade de Odontologia– Centro Universitário de Anápolis, Goiás. gjo.tavares@gmail.com*

***Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente – Centro Universitário de Anápolis, Goiás e Curso de Graduação em Farmácia da Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, Goiás. josana.peixoto@gmail.com*

****Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente e Curso de Graduação em Farmácia - Centro Universitário de Anápolis, Goiás. dulcinea.bcampos@gmail.com*

*****Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado e Curso de Graduação em Geografia– Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, Goiás. jnsluz@hotmail.com*

******Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente – Centro Universitário de Anápolis, Goiás. rogerioseabra.m@hotmail.com*

Resumo

Anápolis, nos anos de 1930, atraiu migrantes devido ao desenvolvimento econômico ocasionado especialmente pela instalação da seção da estrada de ferro. E é nesta década que a Sociedade São Vicente de Paula manifestou-se a favor da construção de uma casa para isolamento dos leprosos, afirmando que eles estavam causando problemas para a população local. Em 18/10/1931 a instituição propôs que a prefeitura doasse terreno para construção do leprosário e em contra partida a Sociedade se responsabilizou pelos doentes e, no ano da inauguração do asilo, haviam 65 internos. Contudo, outro lugar foi escolhido pelos leprosos para viverem o isolamento. Inicialmente um grupo subiu o morro para se proteger do preconceito e ali foram se agregando. Eles vinham de várias partes do país, fugindo, em sua maioria, de Colônias instaladas em Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais. Estava formado o “refúgio dos leprosos”, no qual as regras eram outras e não aquelas impostas pelo Plano Nacional de Profilaxia da Lepra. Os leprosos subiam e desciam o morro em

busca de esmolas para o pão do dia a dia. A reação da sociedade local foi isolá-los fazendo doações para que eles não fossem para a cidade. Instituições (católicas, espíritas, evangélicas, maçonaria) também se faziam presentes. A partir dos anos de 1950, outro grupo subiu o morro, agora os miseráveis são. Eles encontraram ali comida, já que os leprosos recebiam suas doações e as dividiam com eles. Este trabalho tem por objetivo apresentar a formação dessa comunidade, as relações dos leprosos com o lugar e os grupos (políticos e religiosos) que ali estabeleceram o poder e a repressão aos doentes. Além de fazer a descrição das fases da doença através de arquivo iconográfico. As fontes pesquisadas foram relatos orais, imagens fotográficas e documentos de arquivos particulares.